

Da Bahia a Catalunha, na trilha dos afetos múltiplos

FROM BAHIA TO CATALONIA, ON THE TRAIL OF AFFECTS
MULTIPLE

Mônica Barbosa*

RESUMO

O presente relato trata da Residência Social da autora, realizada junto ao projeto Generatech, vinculado ao departamento de Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha, de outubro a dezembro de 2010. Com o objetivo de investigar o possível uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) para o enfrentamento da heteronormatividade nas relações sexuais e afetivas, assim como seus aportes a discussão dos direitos sexuais no Brasil, a autora integrou o núcleo de pesquisa Fractalidades em Investigação Crítica (FIC), a equipe de tradutores da plataforma Generatech e produziu coletivamente o fórum Não a monogamia compulsória! Sua participação em manifestações políticas e práticas subversivas compõem a narrativa.

Palavras-chave: Residência Social, monogamia compulsória, direitos sexuais, tecnologias de informação e comunicação (TIC).

ABSTRACT

The present account describes the author's foreign study residency carried out in Spain with Generatech, a project linked to the Autonomous University of Barcelona's Social Psychology department, from October to December of 2010. With the objective of investigating possible uses of information and communications technology (ICT) to confront heteronormativity in sexual and affectionate relationships, as well as its contributions to the discussion of sexual rights in Brazil, the author joined the Fractalities in Critical Research study group, the Generatech platform's team of translators and also collectively produced the "Say No to Compulsory Monogamy!" forum. The author's participation in political demonstrations and subversive practices are part of the narrative.

Key words: foreign study residency, compulsory monogamy, sexual rights, information and communications technology (ICT).

*MÔNICA BARBOSA - Mestranda em Desenvolvimento e Gestão Social, pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduada em Comunicação Social, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É tutora do MBA Executivo em Gestão e Negócios do Desenvolvimento Sustentável, do consórcio UFBA, Universidade Federal de Lavras (UFLA), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração (INEPAD). Email: monikabarboza@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Barcelona, Espanha. Aqui estou, hoje, em meio a um percurso que comecei a trilhar cedo. Menina que parecia menino – e que sentia prazer nesta aparência - precoce, que deu trabalho aos pais, aos irmãos, aos namorados, aos homens aflitos com minha desobediência sexual. Ser diferente me trouxe aqui, ao curso de Gestão Social e Desenvolvimento. Como a história começa? Não posso dizer, mas imagino que está ali, entre a indignação com o tratamento de tudo que é dito “estar a margem” - mas que está incluso nos renques subalternos da biopolítica - e o desejo de fomentar a criação de novos focos de saber-poder sobre o amor e o sexo.

Problematizar a questão dos direitos sexuais aproximou-me do Generatech, projeto desenvolvido pelo departamento de Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), que se dedica a criar espaços de interação e colaboração entre pessoas, coletivos e associações que se posicionam criticamente sobre questões de gênero e sexualidade.

Por meio das novas tecnologias de comunicação e informação (TIC), desenvolvidas em *software* livre¹, com licenças não privativas, organizado em plataforma virtual e encontros presenciais, o Generatech busca ampliar e defender a livre circulação de conhecimentos, experiências, técnicas, reflexões e ações críticas sobre as relações de gênero contemporâneas². Especialmente, através das produções audiovisuais, empreende a crítica ao heteropatriarcado e a privatização das TIC.

Minha rota começa no contato com Eva Cruels, feminista que trabalha ativamente na promoção dos direitos sociais, políticos e econômicos das mulheres, por meio das TIC³. Envio à Eva a carta de apresentação da residência social (RS), na qual exponho meu desejo de trabalhar junto a organizações que se dediquem ao enfrentamento da heteronormatividade, conceito guia de minha dissertação. Em pouco mais de uma semana recebo o convite da diretora do Generatech, Dra. Marisela Montenegro, para realizar minha pesquisa junto a organização. A possibilidade de fazer a RS num projeto vinculado a uma universidade conceituada na Espanha me empolga e me leva a vislumbrar um possível doutorado no exterior.

O primeiro contato direto com a equipe gestora ocorre em 06 de outubro de 2010, durante o encontro do grupo Fractalidades em Investigação Crítica (FIC),

1 Programa informático com código aberto, que permite aos seus usuários a execução, a cópia, a distribuição, os estudos, a modificação e o aperfeiçoamento do software. Portal Software Livre Brasil. Disponível em <http://softwarelivre.org/porta/o-que-e>. Acesso em 19/01/2010.

2 Manual de Habitante Generatech, p. 3. Disponível em <http://generatech.org/es/node/234>. Acesso em 19/01/2011.

3 Atualmente, produz o documentário *Os fios de Penélope*, sobre a vida de mulheres de um povoado ao sul do Marrocos, no qual a maioria dos homens imigraram para a Espanha, boa parte para Barcelona. Mais informações no blog <http://colectivocirces.blogspot.com/>. Acesso em 19/01/2011.

um dos braços do Generatech, que se reúne semanalmente na sala Martin Baró, da UAB. Neste primeiro dia, apresento-me a um grupo de seis pessoas, falo a respeito de meu projeto e ouço a explicação detalhada sobre as funcionalidades da plataforma e seus objetivos enquanto rede. Já neste dia, me proponho a fazer a tradução da interface para o português e recebo a proposta de produzir ali um fórum sobre o tema da não-monogamia, cujo ativismo é meu objeto de pesquisa.

Para as traduções sou alertada sobre o cuidado com a linguagem: se evita o binarismo de gênero na escrita do Generatech e quando são necessárias generalizações, elas são feitas no feminino. Assim, não há usuário ou usuária, há habitante; não nos dirigimos a “todos”, mas a “todas”.

Produzir, no âmbito do Generatech, é necessariamente uma ação coletiva. Com a funcionalidade muito parecida com a do *Facebook*, a plataforma se dedica a unir coletivos, não simplesmente indivíduos, e seu objetivo é, sobretudo, político. Na tarefa de criação do fórum conto com a ajuda de Caty Galaz que, além da divulgação do evento, revisa a versão em castelhano de meu artigo, de forma que são possíveis colaborações bilíngües. Supero outro desafio: escrever um texto científico em outra língua.

A partir deste ponto se faz necessária uma divisão narrativa para vivências simultâneas e intensas. Minha residência social pode ser contada sob três enfoques: minha interação com o FIC, o fórum Generatech e minhas relações pessoais, especialmente com os homens.

FRACTALIDADES EM INVESTIGAÇÃO CRÍTICA E O DIA QUE FOUCAULT SE TRANSFORMOU NUM FIO

Jonatan era um caçara tentando trabalhar de garçom, num fino restaurante italiano, em Ubatuba (SP), um dos destinos preferidos da classe média paulistana nas férias de verão. Éramos colegas. Assistia dia-a-dia sua agonia no atendimento. Era como se os clientes e ele falassem línguas diferentes. E falavam.

Um dia uma senhora perguntou: o que é linguine? Linguine era um dos tipos de massa que servíamos, mais larga que o *spaghetti*, achatada, ideal para comer com molhos vermelhos. Jonatan pensou, pensou e respondeu: linguine? Linguine... linguine é um fio!

Este é meu sentimento no dia em que um dos coordenadores do FIC me pede para explicar minha escolha teórica, marcando a diferença entre a perspectiva da heteronormatividade, que eu empreendia desde os estudos acerca da sexualidade, de Michel Foucault, e a do heteropatriarcado, uma das principais referências do Generatech. Tudo está claro em minha cabeça, em bom português. As palavras

chegam perto da língua e se metem não sei por onde, afinando em balbucios. Olhares curiosos e generosos, como os meus para Jonatan. Tarde, Foucault já é um fio!

A primeira aprendizagem da RS é a de estar nu, neste mundo vestido de palavras. Coloco peça por peça no papel e aprendo que escrever o que quero dizer é uma boa estratégia para fluir no idioma, especialmente em situações de alta ansiedade.

Navego pelo FIC todas as quartas-feiras, das 11h30 às 13h30, quando se reúne o grupo, formado em sua maioria por mestrandos e doutorandos em Psicologia Social. Aprendo sobre as teorias pós-colonialistas e feministas e conheço uma forma de produção de conhecimento muito diferente da brasileira. A primeira meia hora da reunião é sempre dedicada a esclarecer dúvidas sobre os projetos em andamento. A segunda parte segue alguma prioridade eleita pela equipe para discussão.

Uma das funcionalidades do Generatech é a criação de grupos privados, nos quais é possível inserir as teses e dissertações em andamento e restringir o acesso a seus membros. Desta forma, tudo que está sendo pesquisado é disponibilizado para críticas, sugestões, orientações. A preocupação, tão comum no Brasil, quanto ao plágio, parece inexistir ali.

A tarefa da escrita, árdua, solitária, por vezes angustiante, torna-se mais leve quando há um grupo pensando junto. Enquanto escrevo este relato, recebo um informe do FIC que propõe o início de postagens públicas com extratos dos trabalhos de pesquisa que diz “[...] *se consideró que difundir la propia investigación es un requisito básico para una persona que está realizando un proceso de investigación*”⁴. Difundir o processo de investigação é totalmente novo para mim. Durante o mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social, a partilha se encerra no momento da qualificação.

Frequentemente são realizados pelo FIC ensaios de banca, de forma que aqueles que estão próximos de se formarem têm a oportunidade de se prepararem para enfrentar o “tribunal”⁵. Para mim, que viverei em breve a experiência da defesa, cada orientação metodológica é um novo ajuste em minha pesquisa. A discussão de meu projeto levou-me a uma mudança em relação a um dos meus referenciais teóricos. Ao fim dos quase três meses de convivência com o FIC, Foucault está íntegro e o idioma, fluente.

4 “[...] se considerou que difundir a própria pesquisa é um requisito básico para uma pessoa que está realizando um processo de pesquisa social”.

5 Assim são chamadas as bancas de mestrado e doutorado na Espanha.

GENERATECHS ATIVOS: DO VIRTUAL AO PRESENCIAL

Chego a casa de um dos desenvolvedores técnicos do Generatech, de manhãzinha, para uma formação sobre a plataforma. Estamos em cinco mulheres e me sinto ainda tímida. Nosso técnico costuma falar rápido e as funcionalidades da plataforma são tantas que é difícil acompanhar. Uma das observações feitas pelas presentes é sobre a dificuldade de expressar o que é o projeto e, depois que consegue fazer isto, os percalços no uso da tecnologia.

Na pausa para o cafezinho conheço Ângela, feminista colombiana que organiza a Jornada Generatech em Valência, encontro dedicado a divulgação e formação no programa, junto aos coletivos feministas daquela cidade. Depois da reunião, caminhamos pela *Ronda Universitat* e trocamos ideias sobre a Espanha, desde nossa visão latino-americana. É outono em Barcelona, que em tudo parece um cartão postal.

Neste dia, minha tutora me convida para um encontro de confraternização à noite, em Ningun Lugar, associação cultural, sem fins lucrativos, onde acontecem ações políticas e culturais, como as Jornadas Generatech Barcelona. Este momento de comer e beber juntos, que geralmente estão fora dos relatos acadêmicos, para mim, são os mais preciosos. Estou mais atenta a eles depois de escolher a genealogia como procedimento analítico em minha dissertação, espreitando os acontecimentos “lá onde menos se espera”⁶. Logo falamos do fórum sobre não-monogamia, cuja base é o artigo escrito por mim. E logo falamos de nossas vidas não-monogâmicas e dos conflitos que enfrentamos conosco e com nossos parceiros e parceiras por conta de nossas opções sexuais e afetivas.

Há um consenso neste grupo sobre a equivocada associação entre monogamia e amor, sobre as relações de poder estabelecidas sob o dogma da exclusividade sexual e afetiva. Ouço duas opiniões quase opostas: uma de alguém que aceita o acordo da não-monogamia, mas não quer saber nada sobre as relações de seus parceiros, para não sentir ciúmes, outra de alguém que quer saber tudo sobre as relações de seu namorado e que, do contrário, não suportaria o acordo. Sinto uma aproximação com algo que já tinha ouvido de um membro da Relações Livres, organização que pesquiso: “preciso saber, me preocupo em saber se é uma pessoa legal”. Minha pergunta é, de onde vem esse gosto? Posso substituí-lo por confissão? É possível romper com a lógica do controle nas relações se não rompermos antes com o esquema das confissões? Fui embora com esta pergunta.

Poucos dias depois, em 23 de outubro, encontro os companheiros do FIC e do Generatech, na manifestação pela Despatologização das Identidades Trans, que ocorre em sessenta cidades do mundo, cerca de vinte na Espanha, um dos

6 FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In *Microfísica do Poder*, 1979, p. 15.

eixos do movimento. “*La malaltia es la psiquiatria*”⁷! Com este grito de guerra iniciamos a caminhada na *Plaça de la Universitat* e ganhamos as ruas do centro. Na Avenida *Laietana*, deitamos em silêncio em protesto pelo assassinato de pessoas em razão das suas identidades de gênero. As ativistas usam fantasias e erguem cartazes que ridicularizam a psiquiatria, a igreja e as pessoas que tentam relegar as posturas sexuais não normalizadas ao *status* de doença. A vinda do papa Bento XVI à Espanha anima os slogans contra a Igreja: “A igreja que salva é a que arde” é um dos gritos. Muitas carregam a bandeira “*Jo no t’espero*” – lema de uma campanha contra a vinda do papa e em defesa da laicidade do Estado. A marcha termina em frente à prefeitura de Barcelona, onde ocorre uma performance que ridiculariza as classificações médicas e políticas atribuídas aos trans. A leitura do Manifesto da Rede pela Despatologização das Identidades Trans do Estado Espanhol, em catalão e em castelhano, é aplaudida de pé e encerra a manifestação.

Entre as principais reivindicações estão a retirada dos códigos que classificam a transexualidade como patologia dos manuais internacionais de diagnóstico, a abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas intersex, o livre acesso a tratamentos hormonais e cirurgias, sem autorização psiquiátrica, a cobertura sanitária pública do processo de redesignação de sexo, a formação educativa e a inserção social e laboral de pessoas trans, além da viabilização de denúncias de todos os tipos de transfobia institucional ou social⁸.

A marcha me impressiona pelo ineditismo. Diferente da nossa Parada Gay, ninguém bebe, não há trios elétricos, embora haja uma banda de música tocando no meio da multidão. A festa está programada para depois da caminhada. Modos diferentes de fazer política, usos distintos do escracho.

De minha sacada, na *Calle Avignó*, vejo manifestações de afeto homossexuais, miro uma passeata pela nudez, que não é criminalizada na Catalunha. Olho as mulheres com os seios nus nas praias, tenho amigos casados com pessoas do mesmo sexo. Penso nas contradições do Brasil, com sua aparente liberação sexual e suas altas taxas de assassinatos de homossexuais e de mulheres. Penso que coisa é essa de poder tudo numa festa como o carnaval e não poder nada fora dela, que não seja muito bem disfarçado ou legitimado socialmente. Recordo o drama sofrido por um amigo ao ter que cuidar dos trâmites funerários de seu companheiro e não ter autonomia para resolver questões burocráticas, apesar dos seis anos de casamento.

A força dos ativismos feministas, LGBTTTI⁹, *queer* se nota no cotidiano em Barcelona. Perto de casa há uma livraria especializada em assuntos ligados às homossexualidades e um departamento da prefeitura que se dedica exclusivamente a projetos contra a homofobia. As flores murcham quando vejo

7 “A doença é a psiquiatria”!

8 Informações extraídas do folder da campanha.

9 Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros e intersex.

campanhas racistas contra a imigração, de uma agressividade sem precedentes para mim.

NÃO A MONOGAMIA COMPULSÓRIA!

Com este título, em forma de chamado começa, no dia 31 de outubro, o [fórum](#) baseado no meu artigo, no Generatech. A primeira contribuição recebida é do filósofo Hilan Bensusan, que acabara de lançar o livro *Breviário de Pornografia Esquizotrans, no encontro Stonewall, 40 + o quê no Brasil?*, produzido pelo grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A narrativa acerca do surgimento do movimento Poliamor e a discussão sobre a confiança, trazidas pelo filósofo, são aportes a minha dissertação. Logo em seguida, é meu orientador, Leandro Colling, quem contribui com aproximações e críticas entre as lutas empreendidas pelo movimento LGBTTTI e a Rede Relações Livres, mencionada no artigo. Se seguem os comentários de colegas do Generatech, do FIC, de integrantes de outros grupos da plataforma, de outros pesquisadores do tema, de gente que se identifica com a problemática. Com as postagens chegam textos em castelhano, em catalão que, pouco a pouco, vão levando ao refinamento de minha pesquisa. Um dos comentadores cria um link na enciclopédia virtual Wikipedia, com uma definição de [monogamia compulsória](#)¹⁰, baseada em nossa discussão.

Ao todo, o fórum gera quinze postagens, todas com profundidade argumentativa e apontamentos preciosos para a continuidade de minha investigação. Ao final produzo uma postagem, com o resumo dos comentários obtidos, que será aproveitada em minha dissertação.

TERRITÓRIOS AFETIVOS

Aprendo com Boaventura¹¹, a bem-aventurança de trazer a paixão para a investigação social, de fazer de minha vivência, ciência, e dar a ela o devido lugar nesta prática: o do saber. Penso em uma maneira de narrar a experiência de estar em uma sociedade aparentemente menos machista sem ser confessional, mas me resulta impossível. Como falar do desconforto que sinto nas relações machistas sem fazê-lo a partir de mim?

De coração aberto, digo que assumir uma postura de não exclusividade sexual e afetiva, ou de não-monogamia, no Brasil, é menos festa e mais solidão. Há a opção de meter-se nos guetos, estabelecer relações endógenas nos grupos

¹⁰ Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Monogamia_obligatoria. Acesso em 19/01/2011.

¹¹ SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. p. 73, p. 79

ativistas, mas o afeto circula por toda a parte, não obedece territórios. Encontrar pessoas dispostas a sair do conforto do *status quo* para entrar numa relação não prescritiva é difícil, creio, para mulheres e homens. Não me refiro a multiplicidade sexual, fácil pela possibilidade de descarte, mas aos percursos amorosos.

Dizer que eu estudo movimentos sociais e culturais pela não-monogamia é quase sempre o início de uma prosa boa. O jogo do prazer de saber do prazer, enunciado por Foucault¹², é praticado todo o tempo. Nessas conversas conheço pessoas das quais me enamoro e que se enamoraram por mim também.

Durante os três meses de estada em Barcelona vivo com três homens, que vou chamar de namorados, não porque tenha feito com eles um contrato de namoro, mas pela relação produzida entre nós, de trocas afetivas, sexuais e amigais. São relações que começaram sem exclusividade prometida, sem a monogamia subentendida quando se inicia um namoro.

Poderia escrever um romance com cada história, mas vou me concentrar nos pontos que me interessam como pesquisadora e problematizadora do campo da sexualidade e da gestão social. Primeiro, o fato de eu não querer a monogamia estabelecer inicialmente um campo relacional aberto aos desejos, a criatividade, a novidade. Neste ponto a relação é estimulante pela quebra de paradigma e pelas possibilidades inventivas que oferece.

Como os três namoros começam quase que simultaneamente, adoto uma agenda de encontros semanais, um dia para cada e quatro dias para mim. Com o único comprometido da história, não somente com outra namorada, com a qual tem uma relação aberta, mas com todo um outro universo criativo – amigos, trabalho, filhos - o tema das agendas é vivido com tranquilidade durante todo o percurso. Com os outros dois, ela vai se mostrando problemática.

Embora a justificativa com as agendas seja a do “desejar mais tempo juntos”, o que vai se revelando como desconforto é a desconfiança de que eu esteja “com outro”. Aqui importa dizer que está clara e acordada a não exclusividade; não entrego relatórios sobre o que faço quando não estou com eles.

A confissão – que estou tratando por relatório – é umas técnicas de controle sexual apontadas por Foucault¹³ e se vale dos mais refinados ardis para se perpetrar numa relação. Muitas vezes mascarada sob o título do cuidado, ou mesmo da honestidade, da transparência, se conforma numa espécie de “rosca infinita”, na qual quanto mais se confessa, mais se tem a confessar para ter credibilidade diante do outro. Por coerência, também não recebo relatórios, atitude que por vezes é tratada como falta de cuidado, falta de atenção. Como se o cuidado existisse sob a forma discursiva da confissão. Aqui encontro um ponto muito semelhante com as minhas relações no Brasil.

12 FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber, 1988, p. 87.

13 Idem, p. 26.

Aos poucos, perco o interesse pelos namorados que se mostram mais controladores e sigo com esta relação, em que a não-monogamia é partilhada e os segredos se mostram como aliados da sedução.

BAGAGEM

Quando aporto em terras brasileiras tenho o coração pleno de afetos e saudades da Espanha. Trago também na bagagem experiências culturais, acadêmicas e políticas que transformam meu modo de pensar e de produzir conhecimento.

Integro a equipe de tradutores do Generatech, peleja que realizo com a satisfação e o desejo de ver esta rede estendida além mar. Tenho a minha disposição uma biblioteca virtual especializada nos assuntos que investigo e a possibilidade de discutir seus conteúdos com os próprios autores.

A residência social é mais que a imersão em uma organização social. O mergulho num contexto cultural, político, social e histórico tão diverso, faz de cada momento uma descoberta, de cada dia um exercício de organização acadêmica, profissional e emocional. Não sem angústias, nem tampouco, sem alegrias.

No final de minha estada em Barcelona, tenho ainda a oportunidade de assistir ao seminário *SICK 80s: Crisis del SIDA, arte y guerrilla contrabiopolítica*¹⁴, coordenado por Beatriz Preciado, uma das principais referências da Teoria *Queer*. Enquanto ouço a preciosa filósofa, penso na oportunidade de aprendizagem aberta pela RS e nas novas rotas que se desenham no horizonte. É o começo de outras histórias.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GENERATECH. Manual de Habitante. [2007]. Disponível em <http://generatech.org/es/node/234>. Acesso em 19/01/2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2006.

Software Livre Brasil. Disponível em <http://softwarelivre.org/portal/o-que-e> . Acesso em 19/01/2011.

